

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

AZEVEDO, André. André Azevedo (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 22min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**André Azevedo
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Bernardo Buarque de Hollanda;

Levantamento de dados: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 18/09/2014 a 18/09/2014

Duração: 1h 22min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Agradecimentos; Anos 1990; Brasília; Cinema rádio e televisão; Esportes; Europa; Família; Formação escolar; Governo federal; Hélio Silva; Mulher; Polícia; São Paulo; São Paulo Futebol Clube ; Sucessão presidencial; Televisão; Torcidas de futebol; Viagens e visitas;

Sumário

Entrevista: 18.09.2014 Apresentações iniciais; cidade natal em São Paulo, origens familiares e escolaridade; a relação da família com o futebol; a primeira ida ao estádio em 1991 no Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi); a entrada na torcida organizada e as influências televisivas; o período na Torcida Tricolor Independente em 1997; Hélio Silva como uma referência da torcida do São Paulo Futebol Clube e a articulação da Associação de Torcidas do Estado de São Paulo (Atoesp); a repercussão da briga de 1995 no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu); o convite de César para se tornar presidente da Torcida Organizada Dragões da Real e o episódio em Brasília; a escola de samba da Dragões; a relação entre as torcidas e as escolas de samba; a articulação com o Governo Federal e o Ministério dos Esportes; a questão do crescimento da Dragões e o relacionamento com a Independente; a participação na Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (Conatorg) e a relação com outras torcidas; as sub-sedes nacionais e internacionais da Dragões; a relação da torcida com o clube; os outros esportes do São Paulo; a logística da torcida; o início da relação com as torcidas no exterior por meio do Ministério dos Esportes; o modo de torcer na Europa; o papel social das torcidas; a relação da torcida com a polícia; o perfil do associado da Dragões; a representatividade feminina na torcida; o reflexo do aumento do preço dos ingressos na torcida; perspectivas futuras na torcida; agradecimentos finais.

Entrevista: 18/09/2014

B.H. – Entrevista com o André Azevedo, presidente da torcida Dragões da Real, São Paulo Futebol Clube. Esse é o projeto Territórios do Torcer, financiado pela Fapesp com parceira do Museu de Futebol e a Fundação Getúlio Vargas. Participam desse depoimento Bernardo Buarque e Pedro Santana. Boa tarde, André, obrigado por ter aceito nosso convite. Queria começar sabendo um pouquinho das suas origens, onde você nasceu, que ano.

A.A. - Nasci na capital mesmo, sou de São Paulo, nasci no Jabaquara, dia 26 do 6 de 79, estou com 35 anos atualmente, sempre fui enraizado aqui na cidade de São Paulo.

B.H. - Fala um pouquinho da sua família.

A.A. - Como uma grande parte das pessoas da minha idade os pais não são oriundos da cidade de São Paulo, meu pai é da Bahia, minha mãe nasceu em Santos, mas a família dela é toda baiana, onde conheceu meu pai. E como muita gente da década de 50, 60, aquela migração que houve em massa, vieram morar em São Paulo e eu acabei nascendo aqui na cidade.

B.H. - Sua escolaridade?

A.A. - Eu tenho o segundo grau completo, faço alguns cursos, entre eles inglês, mas a vida acadêmica parou no segundo grau mesmo, acabei não fazendo faculdade.

B.H. - E sua família tinha ligação com futebol, gostava de futebol, seu pai, como começou essa relação?

A.A. - Na realidade, eu acho que o mais doente nesse sentido disparado acabou sendo eu mesmo. O meu pai é muito apaixonado pelo futebol, ele torce para o Bahia e Santos, esses torcedores do nordeste geralmente são mistos, acabam torcendo para duas equipes, uma do norte, nordeste e outra daqui do sudeste. Aí meu pai é Bahia e Santos, mas ele sempre foi um grande consumidor de futebol, e ele nunca teve muita influência na minha escolha de time, ele sempre deixou a gente à vontade. Quando eu era pequeno sempre pedi para ele me levar no estádio. Em 1991 ele me levou no São Paulo e Fluminense, eu pedi bastante, ele me levou, meu primeiro jogo foi São Paulo e Fluminense, no Morumbi, em 91.

B.H. - E marcou?

A.A. - Marcou, marcou porque foi uma estreia no estádio e eu lembro de ver na época a torcida do São Paulo, a Independente, uma torcida grande, com aquelas faixas, aquelas bandeiras, e na minha primeira ida ao estádio eu já tinha acompanhado alguma coisa por televisão, mas a minha primeira ida ao estádio eu me apaixonei pelo modo de torcer das torcidas organizadas. O

primeiro impacto quando eu estive vendo na época, principalmente a Independente, foi uma coisa que me criou uma relação muito forte com esse estilo de vida e essa diferença de torcer de uma organizada para o torcedor comum.

B.H. - Quando você começou a ir de maneira mais sistemática...

A.A. - Em 91 eu era menor, então meu pai ainda segurava um pouco, mas eu fiquei muito fanático rápido, então de 94 em diante eu comecei a ir com mais frequência. Em 94 foi meu primeiro clássico, São Paulo e Corinthians, no Pacaembu, eu lembro que foi Taça do Agasalho, Campanha do Agasalho, o ingresso era trocado por um agasalho, e de 94 em diante eu comecei a ir bastante, em 97 eu entrei na minha primeira organizada que foi a Independente na época, fiquei apenas três anos lá e entrei na Dragões depois.

B.H. - E coincide, meados dos anos 90, com um período áureo do São Paulo de conquistas, uma fase boa do clube nesse período. Não tem...?

A.A. - Não chegou a ter influência na minha relação de torcer para o São Paulo, porque minha primeira ida ao estádio foi em 91, mas na televisão eu já era fanático, já assistia programas televisivos. Pode falar o nome dos programas? Principalmente o Cartão Verde e os Grandes Momentos do Futebol que eram programas que falavam muito da história de clubes, e entre eles o São Paulo, e eu aí eu acompanhei muito o São Paulo da década de 80 que era um grande time também, e vendo uma televisão já com bastante ênfase, eu vi o vice-campeonato de 89, quando a gente perdeu o título para o Vasco, e o nosso título paulista em cima do São José. Eram coisas que eu já vinha acompanhando antes daquela estourada do time do Telê Santana.

B.H. - Em 95 falasse muito na batalha campal do Pacaembu. Você estava?

A.A. - Por incrível que pareça eu não estava, até porque era um jogo de juniores e era de manhã, eu tinha um outro compromisso na época, vários amigos meus estavam e eu gosto de encarar que foi uma sorte que eu tive de ter feito essa escolha porque eu era moleque e você sabe que a juventude ela independente da concepção que ela tem do que é certo e errado, mas no calor eu poderia ter agido, participado daquele momento. Então eu agradeço não estar lá para não ter que ter feito a escolha de entrar ou não entrar, ver tudo pela televisão.

B.H. - A opção, você entrou inicialmente na Independente e você ficou quanto tempo?

A.A. - Eu entrei em 97, mas acompanhava ela um pouco antes. Mas de carteirinha de 97 e fiquei até o final de 99. A minha mudança não se deve... Nunca tive problema com a Independente, tenho grandes amigos lá, mas eu tinha muita vontade de expor as minhas ideias, de implantar umas ideias que eu tinha, eu achava na época que uma torcida muito grande já

com base formada eu teria dificuldade. Na época foi o principal motivo de eu ter mudado, montar uma filosofia diferente, mesmo saindo, gostando muito da Independente, foi uma decisão muito difícil para mim. Mas com o passar do tempo a minha identidade com a Dragões foi ficando muito forte, e eu aprendi a amar a torcida da mesma forma que eu amo até o São Paulo; algumas pessoas questionam isso, mas cada um tem seus valores, esses são os meus, e hoje a Dragões faz parte literalmente da minha vida e acho que eu fiz uma boa escolha.

B.H. - A torcida do São Paulo é conhecida por ter sido uma das primeiras a organizar grupos de apoio. O Grêmio São-Paulino, em 1939, em 40 teve a Tusp . O que você sabe desse período, existe alguma memória sobre essa época?

A.A. - De pesquisar, dessas coisas eu sei muito pouco. Sei mais ou menos, a minha outra referência que você acabou de falar, eu não sabia, eu sei muito da Tusp, vejo que há controvérsias, principalmente de algumas torcidas cariocas, da Tusp ser ou não ser a primeira torcida organizada do Brasil, na realidade existem historiadores que falam que é, e outros que falam que não é, mas o que eu sei, por ser são paulino eu fiquei com a minha verdade que a Tusp é a primeira torcida organizada do Brasil, que eu acho que é uma marca legal para a gente são paulino.

B.H. - E algum nome dessa época mais antiga, alguma liderança carismática que as pessoas identificavam; lá no Corinthians que é a tia Elisa, alguns torcedores mais folclóricos?

A.A. - Não. Na realidade eu acho que uma referência da Tusp que ainda tem até uma influência na Independente, acho que é Hélio Silva, que até pouco a gente ainda se encontra. Nesse último ano tenho visto muito pouco ele, mas há uns dois anos atrás, ele estava aparecendo bastante na Independente, vinha aqui na Dragões, a gente conversava, talvez ele seja a maior referência da Tusp, e de uma trajetória inicial da Independente.

B.H. – Até porque o Hélio Silva no final dos anos 70, início dos anos 80, ele conseguiu articular um grupo chamava ATOESP, Associação de Torcidas do Estado de São Paulo, mistura algumas lideranças um pouco o que vocês tentam fazer hoje.

A.A. - Naquela época, principalmente na década de 70, era uma coisa fácil de se fazer, porque quem acompanha torcida, gosta de torcida sabe que as torcidas do São Paulo já dividiam ônibus... O bairrismo maior era entre São Paulo e Rio do que entre as próprias torcidas de São Paulo, então existia muita ligação na liderança da Independente, com a da Gaviões, com a da Mancha... não, da Mancha nem tanto, mas com a da TUP, porque a Mancha já vem num período de 83 e aí ela já vem numa construção com problemas, os problemas entre torcidas naquele

tempo começou bem forte na década de 80, já veio a construção da Mancha. Mas as outras se falavam muito, tinha muita articulação, então não tinha tanto problema. Na Dragões nós tínhamos uma referência muito grande, que ainda é vivo, é o Aparecido, ele tinha uma amizade muito forte... Antigamente era comum as torcidas terem amizade muito forte com os presidentes dos clubes, de frequentar os estádios. Hoje é um problema sério. Inclusive o presidente atual do São Paulo, Aidar, tinha uma amizade muito forte com esse presidente da Dragões que era o Cidão, Aparecido Donizete, e o Cidão teve influência na época até na fundação do Clube dos 13, porque ele tinha muita articulação com o Mario Dario, o Mario Dario fez parte desse movimento da década de 80. Então antigamente as lideranças tinham uma facilidade maior de interlocução entre elas, com o clube, com a imprensa, isso a gente foi se perdendo com o tempo. Hoje não querem muito ouvir o que a gente tem para falar. É um momento diferente.

B.H. - E a tua relação com a torcida, e a sua vida para além do futebol, desde o início você já foi muito engajado? Viagem, caravana, como é teu cotidiano de futebol com a torcida?

A.A. - Eu tenho 35 anos, sou solteiro, luto por causa dessa minha opção, porque mesmo antes de ser presidente da Dragões ou diretor da Dragões, eu era muito participativo, mesmo como sócio, tipo, de ser aquele cara doente também. Porque hoje, às vezes a pessoa pode achar “ele como presidente, com as responsabilidades que ele tem, ele acaba tendo que...”, mas antes de ter tudo isso, eu já ia na Independente ou no meu início de trajetória na Dragões, eu nunca fui meio termo, nunca. Eu comecei a exercer uma liderança no bairro, eu moro na zona sul, na década de 90 eu já me envolvi de uma forma que mesmo sem ser diretor da Independente, eu era um dos responsáveis do bairro, para articular a galera na zona sul, então entre 8 e 80, eu sempre fui 80. Sempre fui fanático e membro participativo.

P.S. - Desse envolvimento com a Dragões, essa passagem, como foi essa construção dentro da Dragões, de você como sócio participativo da Independente atuando na Dragões? Foi fácil?

A.A. - Depois da briga de 95, o promotor na época, acho que Fernando Capez, ele acabou pedindo a extinção das torcidas de São Paulo como um todo, independente das que estavam participando da briga ou não. Entre 95 e 99 foi um período que as torcidas ficaram exclusas dos estádios. As segundas torcidas passaram uma fase muito difícil, como a TUP do Palmeiras. Se não me engano, só a 12 do Corinthians ou alguma outra conseguiu continuar com as suas atividades sem fechar. A TUP fechou, a Dragões fechou, acho que a Sangue Jovem do Santos também, e nesse período que eu me envolvi muito na Independente a Dragões estava fechada.

No final de 99 alguns ex-dragões, não deixaram de ser dragões, mas sócios da Dragões estavam com aquela ideia de voltar com a Dragões. Muitos desses sócios eram amigos meus da zona sul, e aí eles começaram a se articular para voltar a Dragões. Aí eu acompanhei esse processo da volta da Dragões, mesmo sendo Independente. E aí conversando com um, conversando com outro, eu vendo as ideias que eles tinham, eu achava que eu poderia contribuir muito mais para o movimento deles, mesmo sendo sócio, mas porque eu tinha uma relação muito forte com as pessoas que seriam a liderança do movimento, aí eu acabei optando por sair. Aí a construção dentro da Dragões não foi tão complicada porque igual me referi, eu sempre fui 80, nunca fui 8, então sempre fui bem participativo, então em um ano eu já fazia parte da diretoria da torcida e aí depois por motivos profissionais eu acabei me afastando um pouco; em 2005 o Cesar, aquele torcedor que acabou falecendo em Brasília, fatalidade, ele me ligou, e a Dragões tinha acabado de passar um momento ruim de arquibancada, com pouco sócio; que muita de referência que fez a retomada da Dragões de 99 para o início dos anos 2000, acabou no decorrer da caminhada se afastando, porque a torcida era pequena e as dificuldades eram enormes. Aí o Cesar me chamou, por coincidência eu tinha acabado de ter sido mandado embora do meu emprego, aí aceitei o convite dele, ele falou “André, ajuda a gente, vamos implantar uma filosofia e tal, você tem que ser o novo presidente da torcida, na época a gente não tinha voto, eu não tinha sócio para votar, então não tinha como fazer uma eleição”, o Cesar que tomava conta de tudo, ele falava “você é o novo presidente”, “sou eu?”, “tá, então está bom”. Aí eu assumi a presidência dessa forma, com o Cesar falando, e estou até hoje, desde 2006. No decorrer desse tempo a gente chegou a abrir eleição, mas não teve outra chapa nem nada e continuamos.

B.H – Então você está desde 2006. E com o César, só para esclarecer, o que aconteceu com a fatalidade que aconteceu em Goiânia?

A.A. - Isso. Contra o Goiás, mas foi em Brasília, em 2008, na final... era pontos corridos, mas era o jogo que daria título para o São Paulo, em 2008; do lado de fora teve uma confusão generalizada, muito pela falta de organização lá em Brasília, e um policial na hora de separar ou de tentar resolver o problema, acabou dando uma coronhada no Cesar que bateu no ombro dele, só que o dedo estava no gatilho na hora que ele bateu, aí a bala acabou matando ele.

B.H - E nesse período a Dragões ficou muito tempo fechada e quando reabriu também teve a fundação da escola de samba, é isso? Foi ao mesmo tempo?

A.A. - Isso. A escola de samba é de 2000. Primeiro veio a torcida, o regresso da torcida veio em final de 99 para os ano 2000, já na construção da torcida... Eu não fiz parte da fundação da escola, mas as pessoas próximas a mim, muitos deles gostavam de samba, e quando eles voltaram para a Dragões, um ia para uma escola, o outro ia para Rosa de Ouro, outro para Pérola Negra, aí eles se juntaram e falaram, poxa, já que a gente gosta de samba, porque a gente não faz a nossa escola? Mais ou menos numa conversa informal, numa brincadeira que acabou saindo uma escola que hoje que está há três anos no grupo especial de São Paulo e dois anos seguidos no desfile das campeãs.

B.H - Mas não é a mesma administração? A escola e a torcida funcionam com estatutos jurídicos próprios?

A.A. - Estatuto, CNPJ, diretoria diferentes, distintos, exatamente.

B.H - O positivo, já existiam outras torcidas que tinham virado escola de samba estimuladas pela própria proibição. A Gaviões já era uma escola de samba, mas quando a Mancha e a Independente foram proibidas elas se tornaram escola de samba. É um pouco aproveitando essa onda? Ou não teve nenhuma influência?

A.A. - A gente não chegou a tocar... O que pesou mais foi uma grande parte da diretoria gostar de samba e cada um seguindo um caminho diferente no mundo do carnaval. Tinha um cara que entendia de bateria, um cara que entendia de alegoria, só que um ia para uma, outro ia para outra. Acho que o que mais pesou na realidade foi isso. A Dragões, por mais que a gente faça torcida para outra torcida, e faz, porque a gente quer mostrar nossas qualidades para outra também, não só para a sua própria torcida, pelo que eu converso com os meninos, não teve uma influência determinada torcida ter uma escola, não foi o fator determinante para a gente criar a nossa, não. Foi mais a questão de juntar mais e unir mais nosso povo da torcida e da escola.

B.H. - Pelo fato de uma escola de samba que está no grupo especial receber todo apoio da prefeitura de São Paulo, dos meios de comunicação que fazem a cobertura, isso não cria um desnível entre a receita da Dragões como escola de samba e a torcida?

A.A. - O desnível foi até... o abismo enorme. Na realidade a gente até brinca, você sendo uma escola de samba, grandes instituições te procuram, e você sendo torcida eles fecham a porta. Por mais que o nome seja o mesmo, o universo é o mesmo, as diretorias das duas tem uma interlocução entre elas, o pessoal que é diretor da escola de samba são diretores da torcida e vice-versa, a gente faz um release, quando a gente tem tempo, sobre a torcida, e eles sobre a escola, a gente caminha junto. Só que mesmo tendo o mesmo nome o universo é bem diferente.

A torcida organizada é uma coisa muito marginalizada, e a escola de samba tem uma exposição muito grande como cultura no nosso país. Então além do apoio financeiro público, da própria televisão, vários outros segmentos querem patrocinar, ou para colocar a marca dela lá, ou para falar alguma coisa no enredo, por vários motivos sempre procuram. Torcida, geralmente a gente vai no restaurante, o cara já te olha meio torto. Graças a Deus a Dragões, no cenário de torcida, ela tem uma concepção, não o tanto que eu queria, mas uma concepção um pouco diferente da sociedade, do são-paulino, e das outras torcidas também. Então, a gente está mais ou menos entre a escola de samba e as torcidas organizadas, a Dragões está ali no meio. A gente não é tão marginalizada quanto às outras torcidas organizadas, mas a gente acha que ainda não é o suficiente o que oferecem para nós, mesmo não sendo tão marginalizada quanto as outras, estamos no meio.

P.S. - Nessa relação com as outras torcidas isso é perceptível? As outras torcidas enxergam a Dragões de uma maneira diferente?

A.A. - É muito perceptível. Hoje eu faço um trabalho, pelo menos há quatro anos, com o governo federal, no Ministério dos Esportes, que foi iniciado pelo Orlando Silva, e o Aldo (Rebelo) está dando continuidade, e a gente tem reuniões em Brasília, e escolheram dentre pessoas no Brasil, a minha pessoa, o Flávio Frajola que é a da Young-Flu lá do Rio e a Sílvia que é uma advogada da Mancha Verde para que a gente tomasse conta desse universo de torcida organizada, fosse a interlocução do governo federal entre elas, para o governo federal não ficar falando com esse monte de torcidas, eles falam com a gente, porque as outras torcidas tem a confiança no nosso trabalho, e no que a gente vem fazendo até para elas. Esse respeito acabou sendo para o André, só que não tinha como desmistificar a Dragões, então acabou... hoje os caras olham para mim de uma forma muito diferente por causa do que eu faço, e aí eu tenho carta branca, graças a Deus, na Gaviões, na Mancha, na Jovem do Santos, nas torcidas cariocas, o professor sabe das minhas amizades com a do Vasco, do Botafogo, com todos, porque hoje eu represento elas no cenário nacional. Porque além de amar minha torcida, eu sou um cara que aprendi amar o movimento de torcida organizada, e eu acho que está fraco esse movimento, está perdendo muita referência, está se marginalizando cada vez mais, as torcidas têm seus erros, é óbvio, mas eu acho que elas pagam uma conta sozinho, tem mais gente para dividir a conta e as torcidas estão sozinhas nisso. E eu estou aqui para defender elas. Então acabei que o respeito e a admiração que eles têm hoje pela Dragões aumentou muito, e já não colocam a gente nesse contexto, nem entre eles mesmo.

P.S. - As próprias torcidas fazem isso? Você disse que os torcedores são-paulinos também?

A.A. - Esse fenômeno não acontece só com a torcida do São Paulo, várias torcidas... praticamente todos os clubes têm torcidas organizadas, e se você fizer uma pesquisa, você vai ter números de pelo menos 80% dos não-organizados, não gostando dos organizados dos seus respectivos clubes. Isso acontece na do São Paulo, acontece na do Palmeiras, a do Corinthians que tinha um percentual menor, evoluiu no último tempo. O corintiano gostava muito da Gaviões, mas ao longo desses últimos anos também deu uma baixada. Essas coisas que a gente está fazendo, mesmo que pouco, estão sendo mais perceptíveis aos olhos dos são-paulinos, aos olhos do corintianos. Então a admiração dos rivais, o reconhecimento do são-paulino está sendo uma coisa mais evidente aos olhos. Hoje nós temos uma página no Facebook, somos a segunda torcida do São Paulo, estamos longe de ser uma das maiores organizadas do país, bem longe, tem muita torcida grande. Só que a maior página no Facebook hoje é a nossa, do Brasil. Maior que a da Gaviões, maior que a da Independente, que a da Raça Fla, qualquer uma, nós estamos com 900 mil pessoas, vamos ser a primeira a atingir um milhão. E a torcida não tem nem 10% dessa quantidade de sócios, então quer dizer que a gente tem admiradores, pessoas que gostam do nosso trabalho, que acompanham, temos o segundo site mais visto da marca São Paulo, perdemos só para o oficial, números que passam para a gente. Então o são-paulino começou a comprar a ideia de acompanhar a Dragões, está vendo o caminho que a Dragões está seguindo é caminho diferente do que algumas outras organizadas e veem isso com orgulho por ser do São Paulo que está sendo vista de uma outra forma no cenário de torcida.

B.H. - André, aqui é muito clara essa divisão, uma torcida principal, uma grande torcida, uma segunda força, e aquelas torcidas de faixa. O fato de ser a segunda torcida em hierarquia, e vocês terem um projeto de sempre crescer, não coloca esse problema da rivalidade interna? Esse é um fato que em alguns outros estados descamba para a briga, envolve um poder, envolve uma visibilidade. Não é que é um dilema você crescer, mas também crescer é afrontar uma que está ali? Acho que isso em todos os clubes acontece. Como é vivenciar esse dilema, entre crescer e ter de enfrentar uma força que é mais hegemônica vamos dizer assim?

A.A. - Isso não é um problema de torcida organizada, é um problema meio que faz parte da nossa sociedade, o pequeno, o médio crescer, sempre vai causar algum problema, em outros segmentos também, aqui não foi diferente. A Independente se assustou um pouco no início com esse crescimento, teve alguns problemas, mas problemas fáceis de resolver. Tanto que hoje, é com muito orgulho que eu falo, há pouco teve uma festa da Dragões, eu falei isso no

microfone, e eu tenho uma boa relação com todos os líderes da Independente, que é com muito orgulho que falo que somos as duas torcidas do Brasil com maior entendimento entre elas, disparado. O relacionamento que a Dragões e a Independente tem hoje... houve alguns problemas pontuais, mas mesmo com esses problemas que acabaram acontecendo, também coloca a gente como as torcidas de primeiro e segundo escalão a nível nacional com maior intimidade, relacionamento, amizade; isso é uma coisa que a gente tem orgulho de falar. A Independente estranhou no início, mas também soube conduzir, com a grandeza que ela tem, de uma forma tranquila e a gente acabou se entendendo, sempre conversando, coisas desse tipo.

B.H. - A exemplo disso aconteceu no próprio carnaval, que vocês chegaram para o grupo especial e eles ainda não... pelo menos...

A.A. - Tem um pessoal que até brinca, esse negócio de ser primeiro ou segundo, geralmente é pela idade e pela quantidade de sócio. Que na realidade a Dragões era primeira no carnaval, a gente tem uma relação a nível governo muito maior que a própria Independente, tem algumas coisas que nós fomos os primeiros. Tipo, a gente também foi pioneiro com a ideia de fazer amizades fora do país. Semana passada, retrasada teve a estreia da Bundesliga, na Alemanha, e uma das torcidas da Alemanha, Fortuna Dusseldorf fez uma homenagem para a Dragões lá, levou faixa no estádio, levou um monte de coisa, “parabéns, Dragões, 30 anos”, foi muito legal. A gente acabou criando umas amizades assim, com algumas torcidas europeias, no Japão, nos Estados Unidos, bem legal, e isso acabou colocando a gente, tipo, no mesmo patamar que a Independente em termos de exposição e de grandeza, só que não com a quantidade de número de sócios ou a representatividade que ela tem na arquibancada, mas a gente conseguiu achar um equilíbrio entre as duas diretorias e ver que tem espaço para todo mundo, todo mundo pode aparecer, todo mundo pode alcançar seus objetivos. E hoje eu tenho muito orgulho disso, porque eu vejo primeira e segunda torcida aí pelo Brasil saindo no tapa, por valores de aparecer, ou de faixa, ou de poder, ou de dinheiro, e nós e a Independente conseguimos achar um equilíbrio muito bom, de a gente frequentar a sede e a festa deles, eles também, a gente viajar juntos, dividir ônibus, de dar risada, de sair para beber, uma relação muito boa e a gente espera que continue assim.

B.H. - Conta um pouco essa sua participação na Conatorg e essa sua relação com outras... Nesse limite institucional que nos últimos anos você assumiu. Como está sendo para você participar a frente e conduzir esse tipo de representatividade com outras esferas para além do próprio futebol?

A.A. - Há uns seis anos atrás, acho que foi depois do caso do Cesar, eu consegui conversar com um grande número de torcidas na época, e a gente vê que independente da rivalidade, a gente tem alguns interesses em comum. O que aconteceu com o Cesar podia acontecer com qualquer torcedor. O problema de policiamento, o problema de logística, o problema de clube que eu enfrento quando vou assistir um jogo, a do Palmeiras enfrenta, a do Vasco enfrenta, todas enfrentam. Em todos os segmentos hoje, elas têm uma articulação ou através de sindicalistas, ou de federações, confederações, mas tudo existe uma organização. E aquilo que não existia acabou. Até os jogadores fizeram agora o Bom Senso, exista as federações dos clubes, as confederações, existe de taxista, a classe da medicina, todo mundo tem, e os torcedores por causa do ego e da vaidade ficaram sempre sozinhos, cada um fazendo o seu. Aí a gente dá até um exemplo, você pega uma caneta e quebra, ela vai quebrar muito fácil, se você pegar dez, você vai ter dificuldade para quebrar, e aí colocamos isso na cabeça deles. A gente tentou se articular através de uma confederação nacional que foi a Conatorg, e ela estava indo bem, na época a gente fez até uma campanha contra o Ricardo Teixeira a nível nacional, que teve resultado, mostrou um pouco da nossa força, do nosso poder, da interlocução que a gente tem entre as torcidas, entre outras cidades e estados, só que perto daquela ação que a gente fez do Ricardo Teixeira, houve alguns problemas entre algumas torcidas que faziam parte até da liderança da Conatorg, e aí a Conatorg acabou ruindo como outros movimentos antecessores que tentaram, como a MTO aqui em São Paulo, e não deu certo, e aí dei continuidade sozinho. Não como confederação, como André, eu aproveitei o legado que a Conatorg me deixou de interlocução com pessoas no poder público, da imprensa também, e eu peguei esse relacionamento que eu tinha que era meu, e continuei fazendo o trabalho para tentar defender as torcidas. Se a gente saiu do zero e foi para o um, é pouco se a gente tivesse uma confederação, mas eu ainda acho que eu consegui contribuir não só para as torcidas, mas tem muita coisa que não aparece aos olhos de quem está em casa ou da imprensa, e até com vida. Eu acho que graças a algumas coisas que eu fiz, alguém está dentro de casa hoje conversando porque nem sabe, porque eu acabei me intrometendo em assuntos que não eram da minha torcida. Fui indagado várias vezes aqui o porquê fazer isso, mas é porque é uma coisa que acabou ficando dentro de mim.

B.H. - Você sente resistência do pessoal, vamos dizer, da base, em relação ao fato de ter contato com outras?

A.A. - No início teve, hoje os meninos já estão acostumados e é legal porque já estou passando esses meus contatos para eles. Hoje não são só os meus contatos, hoje tem muita gente dentro da Dragões que tem amizade com pessoas de outras torcidas que não fazem parte daquele pacote de amizades, porque vieram comigo... E era sempre assim, eu ia ter uma reunião com um cara de uma torcida, eu chamava um, só que eu não falava onde estava indo, “vamos ali comigo”. Aí no meio, “estamos ali conversar com os meninos da Jovem da Ponte”, “ah, não, o que isso?” Aí ia, já estava no carro, não podia descer, e voltava, “nossa, os caras é da hora, os caras são legal...” tipo, para mudar só a convivência. Eu também, não vou ser demagogo aqui, quando eu entrei em torcida na década de 90, achava legal essa parte de briga, essas coisas, e eu amadureci e vi o quanto eu fui idiota, e aí eu... porque tem muito cara gente fina nas outras torcidas, cara bom, cara legal mesmo, e aí única diferença, talvez, que os novos sócios que as torcidas tem hoje... porque não é um trabalho só meu, tem muito cara consciente em várias torcidas, em várias. E a maior diferença é que hoje tem alguém para falar o contrário para os que estão entrando na torcida e os que fazem parte de torcida, e na época antiga não tinha. A liderança da década de 90 falava para você brigar mesmo. Porque torcida organizada tinha como base a briga na década de 90. Torcida hoje melhorou muito, muito. O que talvez tenha feito a imagem piorar é a exposição, porque hoje acontece 10% do que acontecia na década de 90. Se acontecesse hoje o que acontecia na década de 90, não tinha mais torcida organizada. Na década de 90 era pau. Ao longo dos anos elas foram se conscientizando, foram mudando, e hoje várias torcidas no país são compostas por gente que quer torcer, quer fazer parte do movimento, da festa, de se encontrar na sede, não quer fazer parte de nada de briga. Só que ainda a porcentagem menor está tendo uma exposição maior. Mas a torcida hoje é mais tranquila.

B.H. - Nesse período dos anos 90 que era mais quente, teve alguma situação de risco que você...?

A.A. – Nossa, eu participei de tanto. Era muito, cara. Às vezes um simples fato de assistir jogo no interior, São Paulo e Rio Branco, algumas torcidas se encontravam... Hoje existem já vários códigos de ética entre as torcidas. Tipo, jogo São Paulo e Bragantina no Morumbi, a do Palmeiras ia para a rua para pegar o pessoal. Hoje já não existe mais isso. Se você fizer um levantamento, antigamente tomavam muito negócio de material, hoje você vai na rua passa um cara da Independente ou da Gaviões e passa, antigamente isso você não podia imaginar, o olho já ia, já sabia que ia ter que brigar. Então houve uma evolução da consciência, muito grande.

O problema é que a exposição do que é errado hoje é maior do que antes, então a marginalização aumentou.

B.H. - Então hoje a Dragões tem quantos componentes oficialmente sócios?

A.A. - Há quatro meses atrás a gente começou a fazer um recadastramento, porque a Dragões estava com a numeração de 84 ainda, mesmo com aquele espaço que ela ficou fechada, mas estava com a numeração de 84, hoje a gente tem três mil sócios recadastrados, só que a falta recadastrar muita gente, principalmente de pessoas que não são de São Paulo. Quando eu peguei a Dragões em 2006, nós tínhamos zero sub sedes, hoje nós temos 42, inclusive no Japão, inclusive em Portugal, e estamos para iniciar uma nos Estados Unidos também, em Nova York, fora as do Brasil. Esse número pode chegar a seis mil hoje, isso eu não estou contando com o pessoal da escola de samba. Porque tem o pessoal da escola de samba que faz parte do universo samba, que não faz muito parte do universo futebol, são sócios da Dragões samba, fazem parte do carnaval, do desfile. Se a gente for agregar os dois mundos, o mundo Dragões, universo Dragões a gente tem umas dez mil pessoas entre escola de samba e torcida. Fora o grande número de simpatizantes que a gente tem, muito alto.

B.H. - Quando você fala sub sede num país estrangeiro, provavelmente que era alguém que morava aqui e foi para lá, ou um são-paulino que estava lá e se tornou simpatizante?

A.A. - Exatamente. Nos japoneses, tem uma família chamada Ito, e eles eram da Dragões e foram morar no Japão e queriam contribuir com a Dragões, não só eles fazendo parte das Dragões. E como é muito brasileiro, muito são-paulino até dos outros clubes que vivem no Japão, eles quiseram levar o movimento para lá, eles moram numa cidadezinha que chama [Ikinante]* que é do lado de Nagoya, e fazem festas, fazem churrasco, se reúnem para assistir alguns jogos. Um movimento bem legal. Eu fui para lá na Copa Suruga, o São Paulo jogou em 2012, eu vi a força do movimento deles lá no Japão, bem legal, e em Portugal e outros lugares a mesma ideia. Pessoas que moram morar lá e levar o movimento.

B.H. - E aqui em São Paulo onde é a maior concentração de torcedor?

A.A. - A maior concentração nossa é no Vale do Paraíba, o nosso pessoal ali da Dutra, é “Pinda” (Pindamonhangaba), Lorena, Taubaté, São José, hoje a maior referência que a gente tem no estado são as cidades do Vale do Paraíba.

B.H. - Quando tem um clássico aqui em São Paulo, no Morumbi, como é a organização de vocês, o pessoal vai diretamente para o estádio, passa aqui, passa na quadra? Como é a dinâmica?

A.A. - É muito jogo, Bernardo. Geralmente algumas sub sedes não tem como vir com muita frequência porque além do custo do ingresso, tem o custo da viagem. O valor que a gente tem aqui, eles tem duas, até três vezes mais. A vantagem de ter muita sub sede é isso, determinado jogo vem o pessoal do Vale do Paraíba, de repente no outro vem o pessoal de Sorocaba, no outro vem os dois, no outro não vem nenhum, mas vem o pessoal da Anhanguera, ali de Rio Claro, aí eles entram em contato com a sede, eles falam a quantidade de pessoas que vão vir para a gente arrumar ingressos para essas pessoas, e aí se reúne aqui ou na quadra, depende de onde a gente vai sair e aí vão com a gente para o estádio.

B.H. - Eles alugam o ônibus lá, vem para cá?

A.A. - Isso. A gente só faz a parte do ingresso.

B.H. - Que vocês fazem mediação com o clube?

A.A. - Não, o clube hoje não dá ingresso para torcida e nem dá opção de compra. A gente já teve uma época opção de compra, só que como a gente tem muitos sócios na capital, a gente reúne uma galera, eles mandam dinheiro e a gente vai comprando para eles por internet ou na bilheteria mesmo. Como eles tem esse problema de logística, o cara vem de lá só para ir na bilheteria, ele manda o dinheiro e a gente faz essa parte.

B.H. - Vocês não tem relação com a direção do clube?

A.A. - Não. Hoje eu tenho uma relação boa com o clube, mas não uma relação baseada em ganhar alguma coisa. Uma relação boa de conversar, nas viagens se encontrar e bater papo, de trocar ideias, às vezes falar sobre jogador do clube, tem sim, mas não é construída em ganhar alguma coisa, é construída em relacionamento de público.

B.H. - Não tem nenhuma vinculação com sócio?

A.A. - Existe alguns sócios da Dragões que são sócios do São Paulo, eu especificamente não sou, mas existe um pessoal mais antigo que é sócio.

B.H. - Então vocês não acompanham treino?

A.A. - Não.

B.H. - O cotidiano do clube vocês não vivenciam?

A.A. - Não. É mais jogo mesmo e assuntos específicos em relação a treino dependendo da importância do jogo, mas são coisas esporádicas, a gente não vive o dia a dia do clube.

B.H. - Para além do futebol, outras modalidades esportivas, vocês têm alguma participação?

A.A. - Tem. O São Paulo ao contrário dos outros times, ele nasceu do futebol e nasceu para o futebol, e o esporte amador do São Paulo ele é muito terceirizado, São Paulo terceiriza muita

coisa. Às vezes só mete o patrocínio na camiseta. A gente tinha time de futebol de salão com a camiseta do São Paulo que a base era em Londrina. São Paulo ia jogar em casa, em Londrina, ia jogar em casa, em Araçatuba. A gente costuma acompanhar principalmente futebol de salão, as outras categorias de base também, mas aí já é do futebol, sim, mas do esporte amador, mais futebol de salão. Se tivesse vôlei e basquete, mas é que o São Paulo nesses outros esportes ele não é uma coisa forte dentro do clube. Senão a gente acompanharia também.

B.H. - E a logística de jogos fora, Campeonato Brasileiro, como é, vocês estão sempre representando com a faixa, vocês vão, como é essa dinâmica aí?

A.A. - Esses jogos mais próximos, Rio, Curitiba, Belo Horizonte, geralmente sempre vai ônibus. De acordo com a procura, de acordo com a importância do jogo, vai determinando a quantidade de ônibus, vai vendendo as passagens, vai alugando ônibus. Os jogos no nordeste e no centro-oeste são os lugares um pouco mais longe, aí é onde entra o interessante de ter nossas sub sedes. Por exemplo, eu fui para o jogo em Brasília, São Paulo e Botafogo, a mando do Botafogo, fui eu e mais um da Dragões, daqui, eu tinha mais de 150 caras na arquibancada da Dragões, tudo uniformizadinho, porque foi a sub sede de Brasília, foi a sub sede de Goiânia e foi a sub sede de Barreiras na Bahia. Aí fica interessante isso, hoje a gente tem pontos no Brasil todo, e aquelas que não consegue agregar no Morumbi, agregam fora. Então a gente sempre está representado fora também com qualidade, com alguns sócios.

B.H. - E essas sub sedes geram ali algum tipo de liderança, como é o diálogo, é tranquilo?

A.A. - Todo movimento tem que ter um líder, senão você não sabe o que faz, com quem você conversa; mesmo as sub sedes, o jogo sendo em Brasília, eu que resolvo os ingressos para Brasília, eu tenho que ter um para conversar. Então todas as sub sedes têm um responsável e os colaboradores. A gente não dá denominação de presidente e vice-presidente para sub sede, porque presidente só tem um, porque não tem um estatuto diferente, ou uma ata diferente para a sub sede, é a nossa. Então tudo que eles fizerem em Brasília a responsabilidade é nossa. Então o presidente, a diretoria é sempre composta pela sede, e eles têm os responsáveis e colaboradores, que é a base para compra de material, “vou pegar R\$2 mil em material”, aí tem o cara com quem a gente vai conversar para ver se está recebendo R\$50 de um, R\$50 de outro, isso é uma responsabilidade dele, para ingresso, para tudo. A gente tem a base com uma pessoa só.

B.H. - Camisa e material de vocês, vocês vendem independente de ser sócio ou tem que ser sócio?

A.A. - Hoje a gente vende, até porque a gente tem loja virtual e ela faz venda no país todo, então não tem nem como discriminar quem é e quem não é. E outra, a gente conversando entre nós aqui, a gente quer ser uma torcida do são paulino em geral. A mesma referência que eu falei do Facebook, eu quero que tenha para nossa exposição no carnaval, da torcida. Eu acho muito interessante, por mais que o cara não seja um filiado, um cara da Dragões, que ele mostre que ele gosta, que ele tem uma afinidade, alguma coisa desse tipo, usando nossa camisa como acontece por aí.

P.S. - Queria saber mais do processo dessa ligação com o exterior, como foi a formação, como você se envolveu? Você falou que o interesse veio de você mesmo de conhecer as outras torcidas, como foi esse movimento?

A.A. - Na realidade, essa ligação que a gente tem com o Ministério dos Esportes, vários outros... Ele foi procurado pelo governo alemão para fazer um intercâmbio entre Brasil e Alemanha sobre torcida organizada. Eles queriam entender o universo de torcida organizada, a relação com o clube, com o policiamento, e em contrapartida queriam que a gente fosse para lá conhecer o deles. Isso foi tudo financiado pelo governo alemão, veio um grupo entre torcedores organizados, jornalistas, historiadores, pesquisadores de 23 alemães para cá, ficaram uns dias com a gente aqui em São Paulo, no caso o responsável era eu, a base era eu, uns dias no Rio, uns dias em Brasília, uns dias em Fortaleza. E depois foi a nossa vez de ir para lá. Nós ficamos 15 dias lá, fomos para Frankfurt, mas a nossa base foi Dortmund, Dusseldorf, Alzburg, Munique e Berlim, ficamos conhecendo essas cidades, visitamos todos esses clubes, fomos em cinco jogos, da primeira e segunda divisão, e aí eu vi ali uma oportunidade muito grande de agregar os valores que a gente tem aqui no Brasil, não só lá forma de torcer, mas na forma de mudar o quadro hoje que existe de torcida organizada aqui, principalmente esse da relação de torcida e clube, e de imprensa, de polícia, e eu vi muita coisa lá interessante nesse dia, mas eu achei pouco. Aí como eu já dei esse ponta pé inicial na Alemanha, sabe o que eu vou fazer? Vou fazer outras viagens e continuar essa pesquisa, fazer o material de trabalho, e sempre que eu for solicitado por Brasília, vou mostrar, vou levar e vou mostrar para o pessoal da torcida também. A gente foi para Portugal, foi para o final da Champions, Atlético de Madrid e Real Madrid, e além da gente sentir muito como funcionava as torcidas do Atlético e do Real, a gente aproveitou nossa estadia em Lisboa e foi na sede das torcidas de Lisboa fazer entrevistas, entramos na sede deles, perguntando como era relacionamento com polícia, coisas assim. Essas coisas têm toda no nosso site, alguns vídeos ainda estão sendo trabalhados, porque tem muito

material, mas tem vários vídeos. Da Alemanha tem todos e de Portugal já tem alguns também da parte futebolística. A gente acabou até indo para um outro lado, para o lado cultural também, para trazer isso para o pessoal das torcidas organizadas. A gente aproveitou que estava conhecendo como funcionava a torcida, mas fizemos vídeos culturais também, falando do muro de Berlim, da Alemanha oriental, das caravelas de Portugal, então acabou indo para um outro lado também. Aí agora a gente tem como base provavelmente um jogo na Inglaterra, ou dois, e ano que vem, acabei de votar de Brasília agora, a gente vai para a Espanha, vai fazer uma visita lá também. Eu tinha ido para o Japão, quando a gente foi para o Japão a gente conversou muito com a torcida do Nagoya Grampus, do Kashima também, só agora nos Estados Unidos que o futebol não... eu não tenho muita base de torcida, organizada, aí eu fui para os Estados Unidos agora, só que eu fiquei como base só os são-paulinos que moram lá mesmo, não as torcidas organizadas. Como acontece aquele negócio de aliança de torcida, na Europa também acontece algumas bases. Aí quando a gente conseguiu entrar em uma ou outra, até em termos de criar algumas amizades, elas começaram a passar outras bases para a gente. Agora no final do ano a gente está recebendo três torcedores líderes da torcida de Marseille, vão ficar aqui com a gente, e eu estou conversando muito com uma torcida organizada do Sevilha que também está vendo uma ideia de vir para cá ou não. A gente quer explorar muito esse lado para pegar tudo que deu certo lá, a gente pensa sempre utilizar modelo europeu, então a gente quer ver que o modelo europeu seja implantado aqui em alguns aspectos que seria muito bom para a gente.

B.H. - E quando você fala de influência modelo de torcer, por exemplo, lá na Europa tem os mosaicos, eles fazem aqueles painéis e tal, isso em algum momento foi cogitado, o que a gente pode trazer de novo de lá que não tem aqui, desde que seja permitido dentro do estádio?

A.A. - Uma coisa que me chamou muito atenção foi a ligação entre clube e torcida. Porque a gente aqui no Brasil se discute muito essa questão de ingressos dentro da torcidas, quem ganha, quem não ganha. Eu vi que várias torcidas lá fazem a captação do próprio recurso com incentivo do clube. O clube não precisa dar nada para a torcida. Mas no espaço dos ultras, eles têm total condição de vender o material deles, os adesivos, os suvenires e fazer outras captações de dinheiro, campanhas ali para arrecadar dinheiro para os mosaicos e coisas desse tipo. Que ao meu ver é muito mais importante do que ganhar cem, 200 ingressos, se você tivesse essa estrutura para fazer a captação do próprio recurso. Porque os clubes não dão nada, a torcida faz a captação de recurso, e ela ainda ajuda o clube por muitas vezes. Na Alemanha mesmo, você

tira o Bayern de Munique que é o clube rico que provavelmente não precisa da torcida, todas as outras precisam. E o clube entende que vários jogos, que vários clubes ali ganham, ganham por causa da torcida. A torcida é um diferencial, sim, na Bundesliga e em outros países também. Então é interessante para o clube a torcida ser o 12º jogador, se ela consegue fazer isso sem dar dinheiro, melhor ainda, mas ela ajuda, ela dá um incentivo para que eles façam a captação. Aqui, eu estive até conversando com os caras de Brasília, a gente tem que mudar essa cultura por vários aspectos. Hoje uma torcida organizada pode tirar mais ponto do time do que o adversário, já começa aí. Então como você não vai conversar com essa torcida sendo que ela pode te prejudicar? O São Paulo jogou com o Flamengo, perdeu do Flamengo, perdeu três pontos, a atitude da torcida pode acarretar ela perder seis, 10, 15, 20, ser eliminado, tomar multa, espera aí, tem alguma coisa errada. Se existe esse abismo, esse abismo ser cada vez maior, a gente pode se prejudicar para o lado que a gente não entende, para o lado que a gente não conversa. Então uma das principais coisas que eu aprendi na Alemanha, em Portugal, no Japão também, que a gente viu que há uma interlocução muito forte, muito forte entre o clube e torcida, é o que eu quero trazer para cá. Porque a imprensa está fazendo uma campanha muito forte para os clubes abandonarem as torcidas, só que se essas torcidas influenciam diretamente no bolso do clube, na visão do clube, várias coisas relacionadas ao clube, e não precisa ser organizada para isso... “ah, tira as vestes, tira as faixas, as bandeiras”, isso não quer dizer nada, o cara pode acarretar um problema da mesma forma. Então acho que só o diálogo vai fazer essa mudança. Ao contrário do que a imprensa está dizendo, que os clubes se afastem da torcida, a gente está tentando fazer uma campanha diferente, para os clubes voltarem a ter uma interlocução forte com as torcidas, e juntas trabalharem melhor para o time “cuidado com isso, cuidado com aquilo”. Porque hoje cada vez mais estão querendo responsabilizar os torcedores para o time. Eu não estou entendendo isso porque estou vendo uma burrice muito grande. Se vai existir essa forma de conduta por parte do STJD ou de outros órgãos que fazem o julgamento, como você vai se afastar daquilo que pode te prejudicar? E a questão da festa, que eu até comentava com você em off, que o país do futebol está longe de ser o Brasil, porque os estádios estão chatos. Até um pouco do esvaziamento das torcidas organizadas passam por esse fenômeno, porque aquilo que me chamou atenção para virar um torcedor organizado, eu garanto que hoje não chama atenção do moleque, fala “que ridículo, é aquilo, bater palma? Feio”. Então a gente tem também que voltar a trazer o espetáculo, porque vai ser um círculo vicioso, vai ser um dominó ruim até para a imprensa; porque se a imprensa não entender que

ela vende um produto para o cara comprar no pay per view na tv aberta, e você liga a televisão e assiste aquele espetáculo chato, com estádio vazio, vou mudar de canal. Eu sou consumidor de futebol europeu, porque eu tento assistir jogo da primeira divisão quando estou em casa, não estou acompanhando o meu time, da primeira ou segunda divisão, é uma tortura, é ruim, é feio, aí você vai assistir um jogo da segunda divisão da Premier League lá, o estádio lotado, um jogo corrido, um monte de jogador ruim, mas você esquece, porque eles sabem vender o espetáculo. Eles fazem daquilo um espetáculo. Eu assisti um jogo na torcida do Borussia Dortmund, foi a maior experiência que eu tive na minha vida, naquela muralha amarela; não é só o jogo, tem música antes, tem show. Isso não foi nessa campanha do governo, eu fui para Alemanha outra vez, e o São Paulo jogou a Audi Cup, teve Bayern de Munique e Master City, eu consegui assistir, e o São Paulo tinha perdido o primeiro jogo para Bayern, assisti Milan e City e Bayern e City. É um espetáculo a parte, é um espetáculo, o cara tem transporte. Na Europa, além do aeroporto que sempre tem uma base muito interessante de transporte, estádio de futebol tem, e você vai para o estádio, você sabe que pode ir com fome porque você sabe que vai comer bem, vai beber e o show vai ser legal. Então tem muita coisa que precisa mudar. A coisa que eu quero mostrar para eles é que a arquibancada tem que ter vida e que a interlocução com o clube tem que ser maior. Na hora que a gente conseguir esses dois pontos aí, eu acho que a evolução [nos ultras]* vai ser maior.

*o mais próximo do que foi possível ouvir.

[FIM DO ARQUIVO I]

A.A. - Colocaram muita coisa que eu falei, foi gravado, mas dentro das nossas conversas off, nos intervalos da gravação, não só ele, mas como o próprio Marcelinho Carioca chega e falar “pô, mano, eu não sabia que tinha gente igual você na torcida organizada, não sei que...”, tem milhares, tem muita gente boa, muita gente inteligente. Você tem uma ligação com os meninos do Rio, você sabe, o próprio Frajola, o João, e só basta você escrever a verdade. Eles te elogiando lá. Mas o problema é que também morre ali, eles não dão uma sequencia tipo... isso foi em off, um comentário que, para mim, ele poderia ter feito para mais gente escutar. O que eu falei do pessoal do ministério, a gente faz um trabalho há quatro, cinco anos e ninguém sabe.

Eu acho que vocês tem que parar de ter medo que vai levar paulada e não sei que lá, e mostrar que alguma coisa funciona também em torcida, porque senão vai piorar até o trabalho de vocês, porque é só coisa ruim, cara. Tem que mostrar, por mais que seja pequeno, que existe uma diferença.

P.S. - Até para estimular que aconteça mais.

A.A. - Tipo assim, a nossa ideia não é vender que vai acabar briga no estádio, porque não vai, seria até uma utopia você oferecer isso. O que você tem que mostrar é que não são todos que brigam, não são todos ruins, e mostrar que o poder público não acabou com a violência social, porque a gente vai acabar com a violência em torcida? O que a gente tem de diferente de vocês? Olha o nosso dia a dia aí, pô. É cheio de violência. E o berço, para as pessoas entrarem em torcida organizada, é a sociedade, é o estudo, é a base familiar, o cara muitas vezes já entra aqui com uma base formada da conduta dele. E às vezes querem que a gente preste um serviço para o estado? E muitas vezes a gente faz isso. Querem que a gente dê educação, querem que a gente prenda, querem que a gente delate, não sou polícia. Serviço de inteligência vai lá e prende, tem que prender, tem que individualizar. É ruim para nós as maçãs podres também, só que eu não vou entregar. Vai lá e prende, tira do nosso convívio, aí a gente vai evoluindo.

B.H. - Aproveitando essa relação com a polícia, como é ver o jogo fora de casa, vocês tem que fazer antes o contato ou escolta, como é?

A.A. - Hoje é meio de praxe, não para mim, mas para todas as torcidas do Brasil, quando você é visitante você tem que enviar uma relação dos materiais que você vai entrar, da forma que você vai para ver se é solicitado escolta. Eu acho que a gente sempre tem que elogiar algumas coisas que evoluíram com o tempo, e essa parte, é óbvio que tem muita coisa para acertar, mas eu sou de uma época que eu chegava no Maracanã contra o Botafogo, sem escolta [risos], e aí, talvez, foi o maior problema da construção das rivalidades, porque não existia [problema na gravação de segundos], e antigamente não tinha prevenção, tinha repressão, que era já quando o problema estava acontecendo, e eles sabiam de rivalidades, de problemas, mas não faziam nada para mudar. Então a gente chegava no Rio, com as maiores rivalidades, sem escolta, em outros estados também, em outras cidades também, e agora mudou esse quadro. Hoje em dia, acho que São Paulo, Rio e Belo Horizonte é uma referência para mim dos tops da forma que é feita uma escolta, a forma que se entra. Em Belo Horizonte parabéns para eles também, e alguns outros estados houve uma evolução, a escolta de Salvador está muito boa também. Existem alguns pontos que eu pontuei para o policiamento na construção na segurança do estádio já,

mas a escolta também. A evolução, se a gente estava em cinco, hoje a gente está em 70. Aumentou muito, então é elogiável essa questão por parte do poder público da mudança de postura das escoltas principalmente. Tanto que hoje tem menos problema com esses negócios de escolta porque o poder público está trabalhando com bastante eficácia.

B.H. - André, da sua experiência como você definiria o perfil do associado da Dragões? Quem é esse associado, extrato social?

A.A. - Da Dragões, vou falar para você, a gente até tem alguns lemas internos nosso, um deles é: seremos poucos, mas seremos dragões da real. A gente não se importa com quantidade, é óbvio que a gente não quer ser uma torcida de referência só de faixa no estádio, mas a gente também não se importa em chegar no patamar da Independente, da Mancha, a gente não tem isso como objetivo, a gente tem como objetivo ter a nossa representatividade nacional e internacional. Até usando como exemplo uma torcida alemã, do Sankt Pauli, não sei se você já estudou sobre ela, que é de um clube pequeno, e é uma torcida super famosa na Europa por causa da sua base política. Ela levanta bandeiras e ela é conhecidíssima. Eu me espelho muito nela, independente das brigas que eles têm, as causas, os motivos políticos, a gente tem alguns diferentes, mas eu me espelho nela que eu quero cada vez mais que seja isso, seja reconhecida pela sua qualidade e não pelo seu tamanho. E essa base acabou influenciando na construção dos nossos sócios. Hoje eu tenho muito orgulho de ter espalhado pelo Brasil a fora... se a gente até um dia quiser fazer uma pesquisa de escolaridade, de poder econômico, de cultura, de outras coisas, muito alta, da forma de agir. Até em termos, fazendo um comparativo, a gente tem 90% de associados que tem como base o que é certo e talvez 10% que ainda gosta de briga, coisa desse tipo, que ainda tem, mas está muito ofuscado pela grande maioria que tem como conduta o certo, e essa é a minha maior felicidade, ter feito da Dragões um pouco do retrato do que eu quero, do que eu implantei e ver a qualidade dos meninos que fazem parte da Dragões, acho que é sensacional. Professores, sociólogos, chefes, tudo fazendo parte da nossa torcida, trabalhadores, não desmerecendo os trabalhadores em vários segmentos, gente que trabalha, gente que sustenta a família, gente com base familiar, bem legal.

P.S. - Isso é uma mudança clara do antes, essa nova formação?

A.A. - É, porque o antes não era nem a Dragões, eram todas. E eu sei que essas torcidas grandes... não é nem porque elas não querem, elas são muito grandes, então a dificuldade é maior. Às vezes você até quer implantar uma filosofia parecida com o que eu penso, só que o cara vai ter muito problema, ele vai ter problema dentro da própria torcida; de repente você

falar que aquele cara não é seu inimigo, “como assim?” Tipo assim, eu entendo também das dificuldades. Para a Dragões não foi tão problema, até por ser uma base melhor, uma torcida menor, lá atrás a gente fez isso, e depois só foi agregando pessoas que já queriam fazer parte disso. Então o trabalho foi menor do que esperava, porque hoje um cara que pensa o contrário, ele não vem aqui fazer a carteirinha, porque ele já sabe mais ou menos como a gente pensa, a gente gosta de amizade, gosta de beber, gosta de viajar, gosta de dar risada. As coisas que nos motivam são outras, e não procurar brigar com a Gaviões, com a Mancha, pelo contrário, eu ligo para eles e “está tudo bem?” Prefiro fazer isso e não acarretar problema nem para mim, nem para torcida, nem para a pessoa envolvida na questão, a gente acaba tendo um ano atrás do outro com mais tranquilidade para trabalhar, sem problema com o poder público, sem problema com polícia, essas coisas.

P.S. – Dentro desse contingente como é a participação das mulheres?

A.A. - Muito forte, porque a torcida organizada há um tempo atrás era muito machista, e a gente abriu muito espaço para as mulheres. Quatro anos atrás inclusive a gente foi citado... eu tenho esses dados, em duas pesquisas, uma do Rio e no *Diário* ou na *Folha* aqui em São Paulo, saíram matérias da representatividade feminina dentro da Dragões. Fizeram matéria no dia Internacional da Mulher, como a gente era uma das torcidas que mais tinham mulheres fazendo parte do nosso convívio, porque a gente entende que mulher também gosta de futebol, e como a nossa nova base é torcer e fazer festa, não tem motivo diferente para mulher não fazer parte disso, do que “ah, é perigoso, ah é violência”.

P.S. - E tem alguma mulher em cargo de mais organização?

A.A. - Atualmente não tem, mas já teve, e ela acabou saindo, elas acabaram saindo por vida profissional, porque não dá para agregar muito. Ou você vive muito isso ou você não vive muito isso, então devido a vida profissional, acadêmica, a pessoa que estuda, faz faculdade, algumas se afastaram, não da torcida, não dos jogos, mas da construção das ideias, do que fazer. A gente até perdeu um pouco nisso porque o homem vai fazer as coisas para a mulher e não sabe fazer muito bem, e quando a gente tinha ela ou outras como base, ela já sabia de que forma que as meninas iam gostar, coisas desse tipo. Agora a gente não tem ninguém com cargo, mas já teve.

B.H. - André, a gente sabe que tem essa tendência agora dos estádios reformados, modernos, encarecimento do valor, tem forma de atrelamento do torcedor ao clube, do sócio torcedor; isso

pode ser um obstáculo para a torcida, para a Dragões, para o crescimento da torcida ou sempre vai haver a representatividade, sempre vai encontrar um meio de se fazer presente no estádio? A.A. - Eu vejo isso como um problema muito sério, sim. Até na forma que eles estão conduzindo isso, tem alguns pontos específicos que eu quero citar. Eles falam muito no modelo europeu, só que não que modelo europeu que eles veem, porque 90% dos estádios da Alemanha, por exemplo, tem o espaço para os ultras assistirem em pé, salvo alguns jogos da Champions League porque tem que colocar tal, tal, tal, mas Dortmund são 25 mil lugares em pé. Teve Alemanha e Argentina no estádio de Dusseldorf esses dias, eu já fui naquele estádio, setor dos ultras, em pé. Então tem algumas essências que tem que ser mantidas mesmo com os estádios novos. Porque é o estilo brasileiro de torcer então tem alguns lugares... traz até um prejuízo para a administração do estádio negócio de cadeira quebrada essas coisas. Se o cara não quer sentar porque você vai deixar um assento? Então se for usar o modelo europeu que use ele completo. Nos estádios da Itália uma grande maioria nem cadeira têm, e é europeu, não é o modelo europeu? Itália está na Europa, pô. Então esse eu acho que é o maior erro. O segundo erro é char que o cara que tem um poder econômico bom no Brasil vai consumir futebol, ele não vai, não vai. Na Europa o cara vai, aqui não vai. Aqui o cara que tem um poder econômico melhor, ele vai para Porto de Galinhas, ele vai para o Guarujá, vai para boate lá pegar uísque, ele não vai para esses estádios para flanelinha estacionar o carro para ele, comida ruim, porque os estádios são novos, mas a comida continua ruim e cara. O cara com poder econômico vai fazer o que dá prazer, ir para o estádio não dá a satisfação que aquele cara quer. Você vê o que eu estou falando tem embasamento no estádio do Mineirão, o ingresso popular lotado e o caro vazio. É evidente que tipo, que eles mataram o futebol para uma base de uma classe inferior, quem acompanhou muito o futebol carioca, quem matou o futebol para uma grande porcentagem do torcedor foi o sistema. Aquele Geraldino lá que ia com aquele bumba meu boi, com aquele rádio, pagando R\$2 R\$3, aquele cara nunca mais vai ver o time dele jogar, mano. Tiraram isso dele. Então na realidade eles tinham que fazer uma análise que eles colocam na conta de torcida o esvaziamento do estádio porque é o que eles querem que a sociedade pense para não... “eu não vou assumir a minha culpa, a culpa é dele”, porque todo clube que faz promoção de ingresso, o estádio enche. Acabou a violência da torcida? Sabe, não dá para entender algumas coisas. Então basta a pessoa olhar. Falei para o Bernardo, em off, a gente tem algumas campanhas que a gente vai lançar, dentre elas tem uma frase que a gente vai fazer algumas faixas, que diz o seguinte: não somos o maior problema e sim a melhor desculpa.

Porque é o que acontece, nós somos a desculpa para o esvaziamento dos estádios essas coisas, mas não somos o maior problema; transporte, jogo às 22 horas e outras coisas que é o problema do esvaziamento dos estádios, com a parcela de culpa das torcidas organizadas, a parcela, não pagando toda culpa. Então eu acho que tem reverter porque os estádios que estão com o ingresso barato estão ficando cheios, então eles têm que perceber esses pontos antes que seja tarde. Eu já vi aí alguns números que caiu a venda do pay per view, e vai cair mais se eles não agirem de outra forma.

B.H. - André, esse é comentário de perfil, já encaminhando para o encerramento, perfil das lideranças de torcida, algumas delas vão para a escola de samba, como você vê seu ciclo, sua presença, sua participação na torcida São Paulo Dragões daqui para frente? O horizonte, como é a tua expectativa em relação ao futuro da torcida e a sua participação nela?

A.A. - É óbvio que a gente sempre tem que querer mais que é o que motiva a gente dormir e acordar o dia seguinte. Sempre ter um motivo para viver e para buscar alguma coisa. Mas eu agradeço a Deus em alguns pontos que eu acho que os resultados que a escola de samba, por exemplo, já atingiu, me satisfaz, é óbvio que a gente quer ser campeão, mas já fazer parte do universo especial, já ter isso para o desfile das campeãs, a torcida da mesma forma. A visão que hoje outras torcidas, a sociedade, já tem com a torcida, já me agrada muito. Mas aqueles dois pontos que eu citei lá atrás é uma coisa que é meu caminho hoje, que me motiva, que é a quebra dessa marginalização de torcida, tirar um pouco desse... isso como Dragões, mas como torcedor organizado num todo, eu acho que é uma das coisas que mais me motiva, mais me deixa querendo fazer um trabalho aqui na Dragões para mostrar para o são-paulino e para quem está fora, não só dentro da arquibancada, mas fora, que a gente pode ser diferente. Vou até mencionar isso, que já está acabando a entrevista, eu assumi a vice-presidência de uma ONG aqui na zona norte de São Paulo, chama Estrela da Manhã, cuida de 200 crianças e eu sou o vice-presidente dela sendo um torcedor organizado, entendeu? Isso é uma coisa que eu quero enaltecer em várias torcidas organizadas, que são os projetos sociais que todas elas fazem ao longo do ano, e se elas tivessem fazendo isso como média para a mídia, elas já teriam parado de fazer há anos, porque nunca mostraram. Então elas costumam fazer pelo fato de ajudar mesmo, então dar um parabéns para todas que fazem, porque fazem sem o reconhecimento. Isso valoriza ainda mais o que elas fazem. Então, a minha expectativa é continuar lutando... Eu escuto de torcida “André, para com isso, isso não vai dar nada, é rivalidade”, torcida, “tem 90 % de chance de dar errado”, eu falo, exatamente, eu vou me apegar aos 10% que tem chance

de dar certo. E eu quero. E eu falo para muitos também, eu até acho, infelizmente, que a probabilidade de dar errado é maior do que dar certo para o futuro das organizadas, mas eu quero me olhar no espelho e falar que eu tentei. Muitos de vocês vão chorar, acabou, vão contar história, eu vou andar no meio de vocês e falar, eu fiz a minha parte, a minha e a de vocês também. Então, na realidade estou cansado, estou estressado, estou abatido, porque é difícil, mano, é difícil, mas eu vou continuar até onde tiver força vou continuar. Eu fui palestrar na FGV, fui um dia para a FGV errada, era para palestrar em São Paulo, eu estava lá no Rio, “estou aqui na faculdade”, “cadê você?”, “estou aqui...” risos. E fiz parte de outras coisas. Quando eu saio da FGV, por exemplo, que eu palestrei, e o pessoal todo universitário, tal, se tiver mudado a concepção de um ali, a vitória foi concedida. E eu tenho certeza que aquele dia alguém mudou a concepção um pouquinho daquilo que é torcida organizada, e é isso que eu quero, continuar mudando, nem que seja de um em um, mudando a cabeça daquilo que eles acham que a gente é que a gente não é. A gente, não todos, não quero que seja um segmento generalizado. Existem pessoas que é o que vocês pensam e até pior, mas existem as que não são.

B.H. - André, te agradecer imensamente por ter recebido a gente aqui, na sede da Dragões, sua abertura sempre para o diálogo, para a conversa, foi muito bacana poder ter esse seu depoimento para o Museu do Futebol, para os frequentadores do Museu, que vão poder conhecer um pouco da sua trajetória e da história da torcida, da memória da torcida que vai ficar registrada a partir do dia de hoje, então muito obrigado.

A.A. - Obrigado vocês, espero que todo mundo goste.

[FIM DO DEPOIMENTO]